



Director literario:
Francisco de Sá
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo de Sá
PAPUSSE



UMA SOBERBA INVENÇÃO DO DOUTOR SARAPIÃO



O Doutor Sarapião, do vosso conhecimento, fez uma nova invenção que bem prova o seu talento;

Extracto dumas raizes duma planta oriental, que faz crescer os petizes sem lhes fazer nenhum mal.

Umás três gotas sómente deitadas no «biberon», é já o suficiente para o pór crescer do e bom.



Mas no quartinho do lado inda não passado um mês, o papá foi apanhado por dois gigantescos pés.



Nisto, gritando — ó diacho... em corrida acelerada, foge pela escada abaixo, direito à porta da entrada.



Já na rua — (ó que sarilho!) — repara — (Virgem d'Agrela!) — que a cabeçorra do filho, saía pela janela!

OS DOIS PAGENS DE SOLIFENA

Por Fernando A. Simões
Desenhos de Eduardo Malta

CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

E a princesa envergonhada da confissão que acabava de fazer, escondeu o lindo rosto nas suas mãos aristocráticas.

Como que impleidos por uma mola, Fausto e Fernando levantaram-se, fitando-se estupefactos. Um raio que lhes caísse aos pés não os deixaria mais assombrados.

Sofilena, que já se enchera novamente de coragem, continuou:

— Sentai-vos. Sentai-vos e deixai-me acabar.

«Como vedes, isto é, para nós três, uma falsa situação.

Estou certa de que, se eu dissesse a El-rei, meu pai e senhor, que desejava casar com um de vós, êle não se oporia ao meu desejo.

Mas, para isso, era necessário que eu lhe dissesse qual era êsse um.

E aí é que está a dificuldade. Vós sois iguais na formosura, embora ela seja de gêneros diferentes, na riqueza, na nobreza, na honradez e... no amor.

Não tenho, por conseguinte, motivos alguns para preferir um ou outro... mas tenho uma idéa para resolver esta situação, e vou dizer-vos-a, para ver se concordais comigo: há apenas uma coisa em que não sei se sois iguais:

na coragem. Em todas as outras sei que o sois, nesta, porém, não sei ainda.

Portanto, vós ides sair e só aqui tornareis de hoje a um mês. Durante êste tempo, aquele que, para me ser agradável, mais façanhas de valor praticar, aquele que melhor me provar que a morte lhe é absolutamente indiferente, êsse será o meu espôso.

Saíram; os seus rostos traduziam bem o pasmo em que os deixara a proposta da linda Sofilena; e a energia que ambos estavam dispostos a empregar para vencerem naquele singular duelo-concurso.

Qual dos dois praticará mais valorosas façanhas?

Qual, dentre ambos, conseguirá desposar a caprichosa princesa?

Vamos a ver.

Uma comprida fila de trombeteiros soltava aos ventos as estridentes notas dos seus instrumentos, anunciando o início do famosa pugna.



Alguns retardatários acotevelavam-se precipitadamente, com o receio de chegarem tarde, e não poderem satisfazer o desejo que tinham de não perder uma única fase do combate.

A assistência era numerosa e da mais fidalga. Numa vistosa tribuna, ricamente engalanada, estava Sua Magestade, com sua encantadora filha, a princesa Sofilena.

Admirada de ver os seus dois pagens, relanceava, de quando em quando, um olhar pela multidão, sem que eles, no entanto, aparecessem.

Segurava nas mãos um lindíssimo ramo de rosas, destinado ao vencedor.

Mas... silêncio.
Ei-los que entram.

Cobertos de aço, montando cavalos cobertos de aço também, os cavaleiros seguram, nas mãos as lanças que lhes hão-de dar a vitória. Sobre o capacete, cuja viseira trazem descida, voejam, doidamente, lindas plumas de variadas cores.

São seis os cavaleiros.

Entram a um e um; dirigem-se à tribuna real e, depois de saudarem o rei e a princesa, dão lentamente a volta à arena, saudando a assistência, que os acolhe com grandes aplausos.

Nas suas lanças, junto ao sítio onde o aço principia, trazem todos os cavaleiros longas fitas, cujas cores correspondem às das plumas dos seus chapéus. São decerto, as cores das damas por quem esses cavaleiros suspiram.

Mas, caso estranho que espanta toda a assistência: dois dos mais garbosos cavaleiros trazem fitas e plumas verdes, de um verde lindo que deve ser o verdadeiro verde da esperança, e que era a cor, sobejamente conhecida, da linda Sofilena.

A assistência não contém leves murmúrios de espanto, e o próprio rei, inclinando-se um pouco para sua filha, indaga:

— Quem são aqueles dois elegantes cavaleiros que trazem as tuas cores?

— Ignoro, senhor!

Mentia a princesinha. O seu coração havia-lhe já dito quem eram os dois cavaleiros das penas verdes.

Furiosamente, as lanças chocavam-se faiscando. Os cavalos empinavam-se, violentamente esporeados, e os

cavaleiros viam-se obrigados a fazer maravilhas de equilíbrio para não irem ao chão.

Para que descrever todas as fases deste singular duelo? Basta saber-se que um cavaleiro, de fitas azuis, não podendo logo ao princípio, resistir à impetuosidade do seu adversário, um dos das fitas verdes, voltou de rédeas ao cavalo e em poucos segundos se sumiu para não mais ser visto; que um outro, de fitas brancas, fôra levado do campo gravemente ferido, e que outros dois ainda, ostentando, um a cor lilás, outro a amarela, haviam caído do cavalo, perdendo assim o direito de continuar o combate.

Restavam apenas dois; e, coincidência estranha: eram os dois cavaleiros das fitas verdes!

Ao verem-se sós no campo, correram vertiginosamente um para o outro, mas em lugar de ver chocarem-se os seus cavalos, de ver dar furiosas cutiladas, a fidalga e brilhante assistência viu apenas os dois cavaleiros apearem-se e estreitarem-se num apertado abraço. Que significava aquilo? Braços em vez de lanças; abraços em lugar de cutiladas!

Durante alguns momentos, não se ouviu no campo o mais leve ruído: a assistência estava espantada.

Mas houve, enfim, um que aplaudiu aquele gesto, e então foi uma algazarra ensurdecedora de gritos de aplauso. O campo foi invadido e todos queriam apertar a mão aos valentes que com tanta galhardia se haviam batido. Levaram-os em triunfo; e perante a princesa Sofilena, que não sabia o que fazer, pois em lugar de um, apareciam-lhe dois vencedores, os gritos redobram, aconselhando a princesa a dar metade do prêmio a cada um.

Assim fez Sofilena; pegou no ramo de rosas, dividiu-o ao meio, e preparava-se para dá-lo quando reparou que os dois cavaleiros tinham ainda a viseira descida.

— Vamos, senhores! Levantai as vossas viseiras para que saibamos quem são tam valorosos combatentes.

Obedeceram os dois cavaleiros, mas, mal o acabavam de fazer, ouviram-se dois gritos, soltados por toda a assistência.

— Fernando! Fausto!

Eram eles, com efeito. A novidade correu veloz, e a princesinha estendeu, tremendo, metade do ramo a cada um.

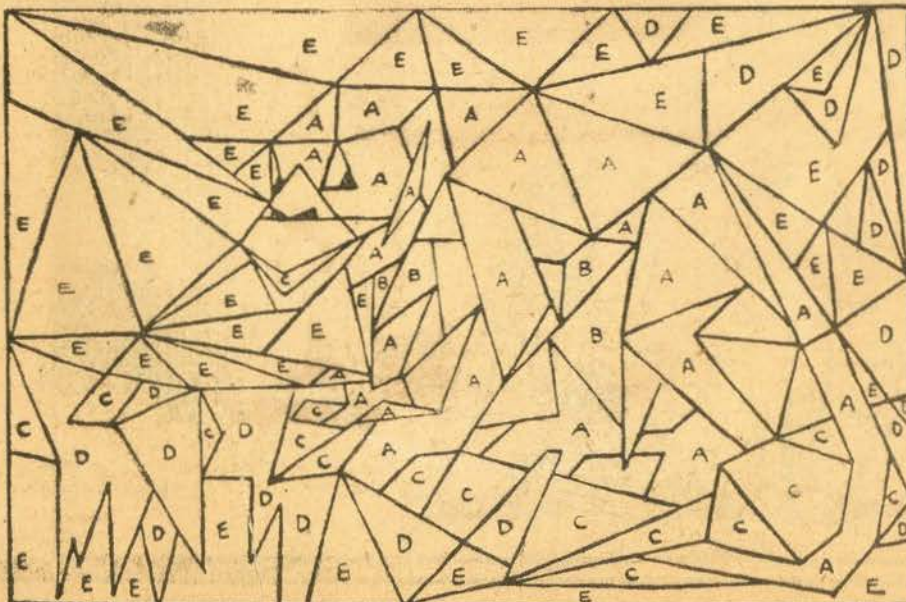
Dobram os dois pagens o joelho, aceitaram os ramos e beijaram a mão que lhes oferecia, mas, Sofilena, não podendo já resistir à emoção, soltou um grito e caiu nos braços de alguns cortezãos que assistiram à entrega dos prêmios.

E ao voltar a si, já no seu confortável palácio, a princesinha constatou que o ponto de interrogação subsistia ainda:

- Qual dos dois era mais valente?
- Qual dos dois era digno de a desposar?

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

PARA OS MENINOS COLORIREM



Se querem saber que animal está aqui representado, pintem com lápis de cor os espaços que tem as letras, pela seguinte ordem:

- A — Castanho escuro.
- B — Cinzento ou castanho claro.
- C — Vermelho.
- D — Verde.
- E — Azul.

O BEM E O MAL

POR ANA PINA

Desenhos de ANTONIO LOPES



A muitos anos, talvez séculos, viviam duas irmãs tam feias, tam feias que causavam medo. Como eram muito ricas, pois eram sobrinhas do poderoso faraó do Egito, tiveram, a principio, muitos pretendentes, mas éstes mal encaravam com as horrendas carantonhas, fugiam aterrados, preferindo casar com uma mendiga a desposar semelhantes monstros. O próprio faraó se vira forçado a proibir a sua entrada na cõrte, desterrando-as para um luxuoso palácio, onde nada lhes faltava, mas que ficava muito longe da cõrte. Ora um rôsto feio pode ocultar um belo coração e se esse caso se dava com Mirza, a mais nova, que, a despeito do seu feio rôsto, possuia um coração de oiro, o mesmo não sucedia a Militza, cuja alma rivalisava em fealdade com o rôsto. Uma certa noite, em que o vento sibilava ferozmente, uma pobre velha trémula de fome e de frio, bateu à porta do sumptuoso palácio. Rogou para falar a Mirza e o escravo levou-a ao salão onde as duas irmãs, recostadas em cõxins, admiravam a pericia duma bai-

larina de rôsto de anjo e formas esculturais. A um signal de Mirza, músicos e bailarinas saíram e só então Militza reparou na anciã. Erguen-se indignada e ordenou ao escravo que levasse dali aquela atrevida e a mandasse retirar. Obedecendo, o escravo empurrou tam brutalmente a velhinha que esta caíria, se Mirza a não amparasse carinhosamente.

— Peço-te, minha irmã, que me deixes ouvir esta pobrezinha.

— Como queiras, Eu porém retiro-me pois não posso suportar ante mim, esse imundo monte de farrapos!

E, ativamente dirigiu-se para a porta.

— Desterro-te, orgulhosa Militza! gritou a anciã.

As duas irmãs quedaram-se pasmadas, ao verem a transformação da velha. Os farrapos desapareceram deixando em seu lugar um vestuário tam cheio de pedrarias que a própria esposa do faraó, se o visse, teria inveja. O rôsto, emoldurado no toucado egípcio, em nada ficava a dever à beleza do traje. Numa das mãos tinha uma varinha de oiro que erguen sobre as cabeças das duas irmãs, aterradas.

— Sou a fada do Bem, e vinha, por mandado da Rainha das Fadas, desencantar-vos! A vossa horrível fealdade não é natural. Vossa mãe, irmã do po-



deroso faraó, era tam linda, tam linda, que não havia em todo o Egipto beleza que pudesse sofrer confronto com a sua. Era, porém, tam cruel que a Rainha das Fadas resolveu castigá-la, dando-lhe duas filhas tam feias quanto eia fôra encantadora. A aitiva e cruel princesa morreu de raiva e vergonha, Vinha,



pois como já disse, desencantar-vos mas como a caridade não se abriga na tua alma, Militza, e a boa Mirza tem de sofrer contigo, estareis assim encantadas, durante algum tempo em que vou pôr os vossos corações à prova e se vencerem serão felizes.

Agitando a varinha, a formo-ssima fada desapareceu! Ouviu-se, então, um enorme estrondo e as duas irmãs acharam-se em pleno deserto, cobertas de farrapos. Militza, ao vêr-se assim, gritou e blasfemou e como Mirza quizesse aconsellar-lhe resignação, ela, furiosa, bateu-lhe desalmadamente.

Mirza desmaiou. Militza abandonou-a e correu, como louca, durante muitas horas. Ela, que vivêra sempre no meio do luxo, sentiu as torturas da fome e da sede! Ao cair da noite, encontrou uma casa onde lhe deram de comer e a deixaram dormir com as escravas. No dia seguintes deram-lhe uma manta e comida e Militza continuou a caminhar. Um rapazito, pálido e esquelético, pediu-lhe algo de comer. Avaramente ela recusou. Era já noite quando encontrou uma velhinha que, com voz lastimosa, lhe pediu um pouco de alimento. Rindo, Militza, empurrou a velhinha.

-- Porque não trabalhas, velha do inferno? Queres que te dê o que tenho, gulosa? E eu? Bem podes morrer que és velha, enquanto que eu quero viver!

A mendiga bateu com o bordão no solo e logo se transformou na fada.

— Militza! Três vezes zombaste da miséria e da velhice! Vais ser castigada! Enquanto no mundo

existir a Miséria e a Avareza, não voltarás à tua forma natural. —E, tocando-lhe com a vara, transformeu-a numa enorme pedra.

Mirza, ao voltar a si, vendo-se só, resolveu procurar a irmã. Caminhou muito até chegar, morta de fome e fadiga, a um rico palácio onde não só a não socorreram, como ainda zombaram da sua pobreza e fealdade! Foi andando, até que caiu extenuada junto duma árvore. Imediatamente ouviu um gemido. Voltou-se e só então reparou num corpiço de criança que se debatia nas vascas da agonia. Ao vê-la, o pequeno ciciou: Água!

Sem vacilar, Mirza mordeu o próprio braço e aplicou-o nos lábios do moribundo. Exausta pela fome e pela perda de sangue, Mirza desmaiou.

Quando ela despertou, a Fada do Bem, sorria-lhe. Junto dela estava um rapaz belo como o sol.

— Mirza! Pela tua extrema bondade, quebraste o teu fado e, ao mesmo tempo, quebraste o fado do teu primo e filho querido do Faraó, que a Fada do Mal encantara. Mirza reconheceu seu primo mas êste não deixava de a olhar extasiado e como a pobre pequena não percebesse a razão de tal olhar, a fadasita deu-lhe um espelho. Ao olhar para êle, Mirza compreendeu. Era agora tam deslumbrante linda quanto feia fôra.

.....
O faraó julgou enlouquecer de ventura ao vêr o



filho tão amado e o casamento do gentil príncipe com a encantadora Mirza fez-se no meio dum luxo indescriptivel.

Quanto a Militza, como a Miséria e a Avareza ainda existem, continua transformada em pedra.

Está e estará.

F I M

Um grande artista

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE ANTONIO LOPES

Eugénio, bébé
de três anos só,
vai, pé ante pé,
a ocultas da avó,
roubar um papel
e um lápis «conté».
Ai mas para quê?!...
Quem o sabe é ele,
olaré, laré!...

Não sabe escrever
nem desenhos risca,
mas, sem ninguém ver,
já com as mãos sujas,
rabisca, rabisca,
faz mil garatujas.
E, com modos lestos,

o menino Eugénio,
com ares e gestos
de grande senhor,
supõe-se a compôr
uma obra de génio.

Surge, entanto, a avó,
que ao vê-lo tão só,
assim debruçado
por sôbre o papel,

pregunta ao menino:
— «que está desenhando
sem ter geito algum?»

Nisto, responde êle
num brando
zum-zum:
— «Que faço, avòzinha?!
Um conto ilustrado
para o «Pim-Pam-Pum!»»



HORA DO RECREIO

BEBEDOURO PARA AVES

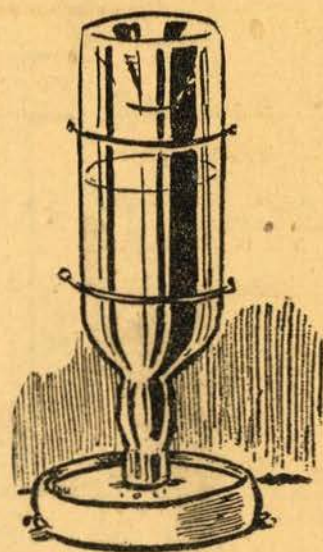
Qualquer menino habilidoso pode fazer este bebedouro, que entre outras vantagens reúne a de ter sempre a água limpa e estar sempre cheio.

Uma garrafa cheia de água, voltada com o fundo para o ar e o gargalo para baixo, presa a uma parede ao mesmo nível do rebordo do tacho onde as aves bebem água.

A água desce até à altura do rebordo do tacho, isto é ao nível do gargalo.

Qualquer porção que lhe tirem é substituída pela outra que escorre de cima.

Muito útil em qualquer capoeira.



CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

PROBLEMA



O problema consiste em riscar alguns traços brancos, de maneira a formar uma figura como verão no próximo número.

Um gatuno entrou um dia na capela da aldeia, com a intenção de a roubar.

Nêstemomento entra o Zé Sacristão para tocar para a missa.

Não tendo por onde fugir, o gatuno subiu pela torre e pendurou-se no sino.

Vejam agora a atrapalhação do gatuno pendurado pelo badalo do sino, enquanto o Zé Sacristão vai puxando pela corda.

MANEIRA DE CONSTRUIR

Cola-se a folha em cartão forte e recortam-se todas as figuras.

Abrem-se os buracos e unem-se por meio de ataches.

Conforme a figura do esquema indica, entre o sino e as mãos do Zé Sacristão, fica um cordel que puxado pela parte de baixo dá a ilusão completa do que acabamos de narrar.

O fundo que rodeia o sacristão, também é recortado.

Vidé página seguinte

CONSTRUÇÃO
PARA
ARMAR

